

Roda de conversa 1

Moderadores: Sergio Molina e Adriana Terahata

Participantes: Celso Favaretto, Carlos Kater,
Lucas Robatto e Magali Kleber

Sergio Molina – Projeto “A Música na Escola” iniciando com a primeira roda de conversa sobre o tema “Por que estudar música?”. Começaremos com uma fala inicial de cada um, e depois, abriremos um debate entre todos os participantes.

Celso Favaretto – Eu vou marcar alguns problemas gerais que vão além do ensino de música nas escolas. Diz respeito, antes de tudo, à relação entre educação e artes de modo geral. É inquestionável que as artes em geral (e a música em especial) devam estar na escola.

A pergunta principal é: “Qual é o valor formativo da arte na educação. Qual o valor da música na educação?” Essa é uma pergunta muito simples, fundamental e pouco respondida. No entanto, a pergunta educativa por excelência é: “Formação, o que quer dizer isso? Que formação é esta que vem das artes?” Não é uma pergunta fácil de responder.

Partimos do princípio, mais ou menos consensual entre as pessoas que fazem, gostam e trabalham com arte, que o essencial não é tanto o conhecimento que cada uma das artes fornece, mas sim, a possibilidade do contato com elas, levar crianças, adolescentes e homens em geral a uma experiência estética. Uma experiência estética, evidentemente, modalizada para cada uma das artes. Mas, ou existe experiência estética ou se tem um conhecimento de arte. Conhecimento de arte não é necessariamente formativo. Não é necessariamente um exercício de uma determinada arte através de habilidades e competências, mas a experiência da arte é uma experiência estética, essa sim, é fundamental.

No Brasil, especificamente, estamos submetidos continuamente a um banho de audição, não só devido aos meios de comunicação de massa, mas à posição muito especial da chamada música popular (que poucos países possuem). Inclusive, a importância antropológica e cultural da música popular. Se formos um pouco adiante, vamos perceber como é exercida essa música popular pelos criadores, por aqueles que fazem a música, vamos constatar que ela abriga todos os tipos de contribuição, das mais exigentes, ditas clássicas, as experimentações contemporâneas até as informações populares. Não dá para pensar o ensino de música, ou a música na escola, sem um viés que contemple essa multiplicidade.

A inscrição da música na sala de aula implica lidar com duas concepções de ensino que são muito delicadas. De um lado, a concepção de que a arte deve visar o talento daqueles que a exercem, e também daqueles que venham a aprender arte. E, de outro, aqueles que acham que a questão é do desenvolvimento, do que ficou conhecido como criatividade.

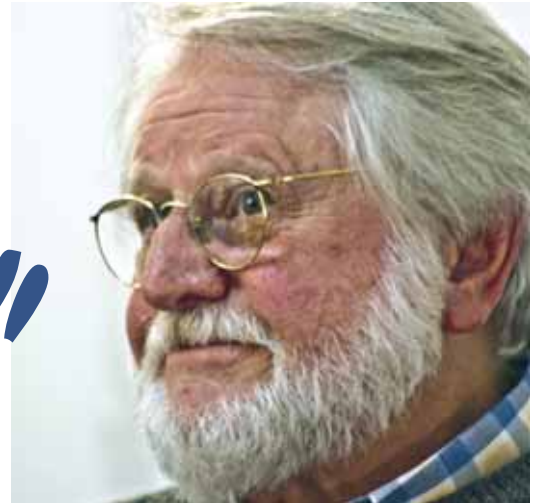
Entretanto, isso não exclui o fato de a música, ou qualquer outra arte, estar presente na sala de aula por uma questão formativa. E é esta função que tem de ser determinada, incentivada e desenvolvida.

A formação integral de alguma coisa que não passaria necessariamente pelas disciplinas, pelos conhecimentos da formação lógico-discursiva. Mas que passaria pela ordem do que costumamos chamar resumidamente de sensibilidade, embora a expressão (sensibilidade) não dê conta de tudo o que isso quer dizer.

De qualquer forma, não é alguma coisa não racional. Não pertence à ordem do irracional, como muita gente pensa. Ao contrário, é perfeitamente da ordem da racionalidade, só que na composição da racionalidade (é esta coisa que é muito contemporânea) que é estabelecer não limites e divisões entre a racionalidade de tipo lógico-discursivo e outras racionalidades não lógicas e discursivas.

“ A importância das artes na escola, no caso da música, é que ela é o único lugar em que o sensível e o cognitivo são absolutamente a mesma coisa. ”

CELSO FAVARETTO



A música me parece ser o único lugar em que se desenvolve um comportamento e uma atitude, que é a escuta. A escuta é uma experiência diferente da experiência do ouvir, que é do cotidiano, que é contido e provém da música a qualquer tipo de som e ruído. A escuta implica num tipo de atenção específica que tem tudo a ver com atenção e a concentração do pensamento. A relação final acaba sendo entre música e pensamento.

Pensando nisso, é fundamental, no Brasil, partirmos dessa perspectiva inaugurada de maneira decisiva nos últimos anos (e que vem desde as leis e diretrizes de base da educação), em que as artes deixam de aparecer como educação artística, mas surgem como área de concentração, que implica conhecimento e informações. Elas são sempre importantes, interessantes e necessárias, mas, antes de tudo visando elaborar uma experiência estética a partir das artes.

Os parâmetros curriculares nacionais têm dado algumas orientações para formação dos professores e para as atividades práticas em sala de aula. Nem sempre essas informações são muito claras, mas elas levam em consideração a diversidade brasileira. Uma coisa é pensar em uma lei, que vale para o País inteiro. Outra coisa é pensar a diversidade, de norte a sul, de leste a oeste. Essa diversidade implica em variedade de experiências. E, nesse ponto, entra a pesquisa. O ensino como pesquisa, o trabalho do professor como pesquisa em cada situação muito concreta.

Magali Kleber – Eu vou fazer uma costura com as questões bastante importantes que o professor Celso levantou. Assim, talvez, eu possa contribuir falando um pouco sobre o estado da arte, em relação à educação musical nos últimos 20, 25 anos.

A questão da experiência estética é um pressuposto para a educação musical. A noção de talento é uma coisa que já superamos, pelo menos enquanto conceito. Naturalmente, ainda existem resquícios, mas não partimos mais do princípio de que a música é um privilégio de quem tem talento.

Além disso, a música não é vista como uma prática voltada para o que entendemos como “música clássica”. Eu acho que uma das coisas que o Brasil tem reconhecido como premissa, em qualquer proposta de educação musical, é a diversidade cultural. Ela já é um pressuposto para pensarmos em propostas a serem desenvolvidas.

Outra coisa que você colocou é o fato de a música estar na sala de aula. A música não será colocada na sala de aula, se partirmos do princípio que a música é uma prática social e, com isso, ela já está no contexto. O que nos interessa, enquanto educadores musicais, é ter um olhar sem hierarquizar as culturas para esses contextos.

Por isso, as propostas não são fechadas e lacradas como princípios metodológico e pedagógico. Elas são abertas, policêntricas. As manifestações estéticas trazem, nos diferentes contextos, níveis de excelências de performance que o

Roda de conversa 1



O Brasil tem reconhecido, como premissa em qualquer proposta de educação musical, a diversidade cultural.

MAGALI KLEBER

educador não dá conta. Muitas vezes, os alunos trazem experiências estéticas musicais e artísticas num nível de excelência que devem ser postas como um exemplo de como discutir uma estética artística. Então, nesse sentido, eu acho que a gente resolve a questão da música, do som como um substrato de práticas sociais. A partir daí, entramos em um alinhamento do que vem sendo discutido.

Foram citados os parâmetros curriculares nacionais e as orientações, que realmente foram um avanço. Saímos daquele currículo fechado, mínimo e houve uma consulta pública. Mas o que aconteceu? As universidades ficaram com um tipo de proposta em que as artes estão sendo trabalhadas nas suas especificidades, e a educação básica continuou com a estrutura e a concepção da polivalência da educação artística.

Essa estrutura está inviabilizando não só a música, mas o teatro e a dança, pois as artes visuais prevaleceram. O MEC está promovendo uma discussão, um alinhamento entre as universidades e buscando proposições interministeriais, intersetoriais.

E a questão da diversidade, nesse momento de construção de políticas, está sendo levada em consideração.

O que se aponta com a proposta da educação integral está brotando no Plano Nacional de Educação, onde as artes e a cultura terão um espaço muito maior. E um espaço não como contraturno.

Mas como a arte e a música vão entrar na escola? Existem muitas formas de pensarmos a transversalidade entre as disciplinas e entre as áreas, que podem resolver os problemas que atualmente nós temos por conta da fragmentação do conhecimento. Então, teremos, nos próximos 10 anos, um tempo razoável para acompanhar o desenvolvimento desse plano e fazer essas implementações que estão por vir.

Carlos Kater – A partir das questões abordadas, vou tratar do que me parece ser mais urgente no momento. Em vez de encararmos como o atendimento a uma lei, poderíamos pensar que estamos diante de um novo movimento da educação musical. Eu preferiria que nós adotássemos essa ótica: de um novo movimento da educação musical que implica um aceleração do espírito. Existe algo que se revigora, que se instaura de uma forma muito ampla, muito dinâmica e que evoca sempre uma reivindicação. E, ao mesmo tempo, que a gente não permaneça numa dimensão idealizada do que possa ser essa música na escola. Mas saber quais os nossos mais sinceros e profundos desejos. O que nós esperamos, de fato? Qual é o papel que esperamos que a música possa cumprir na sociedade?

Eu partiria um pouco da ideia da música na escola, colocando que, neste momento, o que me parece ser mais apropriado é a “educação musical na escola” e não propriamente a “música na escola”. Certamente, a presença da música na

escola (que já ocorre), sendo intensificada, tornaria a escola um ambiente mais alegre, mais amável, mais humano, mais inteligente sob vários pontos de vista. Porém, algumas qualidades que eu penso que a educação musical possa suscitar, talvez não viessem a ser atendidas se a música apenas estivesse na escola. A educação musical na escola tem condições de propiciar um trabalho central dirigido ao educador musical.

Seria muito oportuno revisitar algumas questões centrais. Uma delas é justamente o foco no papel, na função contemporânea de um educador musical para que a música praticada não seja música da execução, da reprodução. Mas que seja música da criação, da expressão de desejos, de vontades, de inteligências, de formas originais de escutar e estar no mundo.

Por outro lado, nós sabemos também que qualquer educador, qualquer professor tem um papel de mediador e de alguém que proporciona o conhecimento. Ele tem um papel de referência fundamental na relação. Significa dizer que estamos num momento em que o mundo, a sociedade, todos os membros da nossa comunidade, esperam que o educador, a pessoa que lida com a educação e com a criação, no caso da música, seja uma pessoa melhorada. Uma pessoa que seja sujeito do seu próprio processo de crescimento.

Pessoalmente, eu estou propondo que ajustemos o nosso foco de pensamento na figura do educador musical para que ele seja, na verdade, a pessoa que possa participar de uma forma ativa da transformação da sociedade. Pensarmos que a ótica é a de trabalhar a musicalidade nos alunos a partir da musicalidade do próprio educador, para que ele tenha efetivamente condições de promover o trabalho junto ao outro.

Finalmente, eu diria para não apenas reivindicarmos a educação musical na escola, mas que as músicas aflorem “das escolas”. Certamente será um sucesso ter a música presente como um elemento de representação de todas as categorias culturais que se manifestam naquele nicho no qual a escola está inserida. E, mediante um trabalho criativo, é possível que a gente construa novas modalidades de músicas.

De todo e qualquer processo educativo, deveríamos também avaliar o quanto a educação ainda é uma ferramenta de duplo sentido. O quanto, muitas vezes, ela está adestrando os alunos do ponto de vista do seu pensamento e o distanciando da experiência estética legítima. E o quanto está distanciando os alunos do contato com a sua própria sensibilidade. A educação deve visar exatamente o contrário disso. Não se trata de adestrar ninguém, mas sim, de oportunizar o crescimento e o aprendizado de todo e qualquer ser humano a partir de um conhecimento de si. Não existe um conhecimento externo sem estar calcado num envolvimento interno.



“*Proponho nosso foco de pensamento no educador musical, para que ele possa participar de forma ativa da transformação da sociedade.*”

CARLOS KATER

Roda de conversa 1

Seria mais do que oportuno que esse nosso momento da educação musical pudesse, de alguma maneira, buscar promover a integração dessas reivindicações. Sabemos o quanto a música é capaz de promover felicidade, autoestima, interação entre os indivíduos, construção de conhecimento de uma maneira eficiente, eficaz e comunicável. Então, eu penso que neste momento maravilhoso e único, possamos considerar, num futuro não muito distante, estar ouvindo não “a música na escola”, mas, “a música da escola”.

SM – Obrigado, Carlos Kater. Dentro deste novo movimento da educação musical que está abarcando essa pluralidade, é inevitável perceber que os bacharelados das graduações pelo Brasil afora, muitas vezes, não estão alinhados com esse pensamento. Existe uma contramão na produção dos novos universitários, dos novos estudantes, que não contempla esse diálogo com a sociedade. Uma exceção é a tentativa recente do bacharelado interdisciplinar em artes que acontece na Bahia. Pergunto, então, ao Lucas Robatto, como trabalhar com essa pluralidade em nível superior, se ela não vem semeada desde baixo.



“A música na escola é uma forma de ampliação do horizonte de percepção da realidade.”

LUCAS ROBATTO

Lucas Robatto - Exatamente. Um novo momento de educação musical no qual a música é encarada sob o viés da pluralidade. Isso é fundamental para esse projeto do qual participei tanto na elaboração, quanto na implementação dos bacharelados interdisciplinares. Isso é uma proposta da Universidade Federal da Bahia em propor uma nova arquitetura curricular na qual a formação em nível superior não é mais pensada, necessariamente, como formação do profissional ou do especialista.

Mas é um retorno do que seria uma formação mais integral do indivíduo. Temos utilizado a expressão advinda de um sistema educacional presente na América do Norte, que é a formação generalista, independentemente das consequências teóricas dessa abordagem. As artes em geral são vistas nesse projeto como parte fundamental da educação de qualquer indivíduo, assim como as ciências e as humanidades.

Nessa experiência, temos cinco cursos de música e quatro bacharelados, mais uma licenciatura. Mas é também uma alternativa para um perfil diferenciado do aluno de outros cursos já existentes na universidade, tanto de artes quanto de outras áreas.

O curso tem ingresso único por meio do formato de ingresso do ENEM. Ele é extremamente beneficiado pelo sistema de cotas. Com isso, conseguimos ter um grupo que é composto de alunos vindos de escolas públicas. O curso é oferecido nos turnos vespertino e noturno, e atrai um público que pode trabalhar e estudar. É um público diferente do que normalmente atendemos na Universidade Federal da Bahia.

O projeto surgiu num momento muito fértil dentro da própria escola de música, quando também estávamos criando o curso de música popular.

Há questões interessantes sobre a dificuldade em se organizar e oferecer isso. Principalmente se avaliarmos quais as consequências da forma como a música tem estado presente nas escolas e na vida da maior parte da nossa população.

Com certeza, a música é presente, é uma parte fundamental da nossa cultura. O Brasil se faz através da música. Nós nos entendemos por brasileiros muito devido às nossas músicas. Por isso, faz parte do percurso regular dos alunos de todos os cursos uma experiência na área artística, na área científica e na área de humanidades, seja qual for a área de interesse do aluno.

Dentro dessa experiência na área artística, procuramos oferecer a música em diversas possibilidades, tanto práticas, quanto de contemplação distanciada, com aulas expositivas e com a prática do instrumento. Procuramos colocar à disposição de todos os alunos da universidade, a Escola de Música em toda a sua plenitude.

A questão estrutural não é tão problemática na nossa realidade, pois já temos uma escola com histórico, com estrutura e com diversas possibilidades de abordagens.

SM – Pelo que entendi, existe esse bacharelado interdisciplinar, além do departamento de Música que se abre para receber esses alunos, além dos seus estudantes regulares específicos.

LR – Nós tivemos alunos regulares de graduação e de pós-graduação. Além disso, existe mais uma modalidade que a escola oferece, dessa vez não para alunos que são ingressos oficialmente na Escola de Música. Eles ingressam nos bacharelados interdisciplinares e terão diversas possibilidades de abordagem da música, desde uma formação generalista, que é para o aluno que vai prosseguir na área da saúde, por exemplo, e terá contato com artes e escolhe a música, até o aluno que tem interesse em, eventualmente, prosseguir na carreira musical.

Não é porque o aluno entrou no bacharelado de artes que ele precisa, necessariamente, completar o curso e tornar-se um artista. O aluno pode utilizar a arte como etapa na sua formação. Temos muitos alunos interessados em artes como mais uma ferramenta na sua formação profissional. Um exemplo é o grande número de alunos interessados em utilização de música como parte da elaboração de videogames.

O problema mais marcante para mim, nessa experiência, é a dificuldade de apresentação da música aos jovens. O contexto familiar ainda serve como um grande meio para que a música passe a fazer parte da vida dessas pessoas. Foi chocante para nós dimensionarmos o que seria oferecido em termos de música. A procura por parte dos alunos foi bem mais baixa do que estávamos esperando. Eu estava à frente do curso como coordenador e fui questionar os alunos o porquê de não se matricularem. A resposta típica era “não sei cantar”.

SM – Quais eram as opções que eles tinham?

LR – Canto Coral, Apreciação e Oficina de Iniciação da Música. Eles também tinham a oportunidade de frequentar uma série de cursos como Músicas e Tradições, Elementos da Música ou Rítmica. Os alunos que procuravam o curso eram os que tinham interesse em um contato mais próximo, mais especializado com música. A minha preocupação é justamente com os alunos que não têm esse interesse. Eles me diziam: “Não vou entrar no canto coral porque eu não sei cantar”.

Nós respondíamos: “Mas o canto coral é para ensinar a cantar”.

Então o novo argumento era: “Mas eu não sou músico”.

Esse “não sei nada” do aluno impede, por um vício do nosso sistema educacional, que ele procure saber algo sobre aquilo. Estamos dando uma oportunidade, seguramente tardia; afinal, é muito tarde para começar num nível superior um contato mais estruturado com música.

Roda de conversa 1

Mesmo assim, as transformações são imensas. Tanto que hoje, uma das dificuldades que nós temos, são os alunos de outros cursos como de saúde e de humanidades que buscam vagas específicas de música na segunda etapa do curso. Eles se encontraram em muito pouco tempo. Eles estão expostos a dois, três semestres no máximo, e já decidem pautar a vida em função não somente de música, mas das artes.

Mas eu vejo que um dos grandes problemas que nós, especialistas em música, temos, é admitir que a grande maioria dos nossos alunos não vai usar a música como uma etapa profissional posterior. E nós, que somos envolvidos nessa área, temos esse vício de encarar música como nós a usamos. O músico profissional tem outra relação com a música e é difícil se colocar na posição de quem não tem a música nesse parâmetro. Precisamos nos despir desse conceito na hora de tratar disso.

Quero encerrar a minha fala dizendo que a música na escola é uma forma de ampliação do horizonte de percepção da realidade. Entendemos que a percepção de várias músicas e a percepção de que a música tem um componente de auto-observação muito grande. Isso é fundamental, faz com que a música seja realmente algo que vale a pena estudar.

Adriana Terahata – Eu percebi na fala de vocês uma defesa da música para o desenvolvimento humano, da sua utilização no sentido de tornar o ser humano mais feliz, mais criativo, mais engajado, mais detentor do seu próprio saber.

Porém, o educador de sala de aula, que atua de forma polivalente na Educação Infantil, Fundamental 1, Fundamental 2 e no Ensino Médio, ainda traz uma concepção muito próxima do que o Lucas falou, de uma postura de “não saber fazer música”.

Eu queria ouvi-los sobre como seria possível sensibilizar a família, a comunidade, os educadores, os leigos em música com uma proposta e um pensamento de música mais amplos.

CK – Isso que você colocou é uma questão importantíssima. Há dois pontos em particular que eu gostaria de observar. As pessoas que em geral dizem: “eu não tenho ritmo, eu não escuto direito, eu não sei afinar, a minha voz é isto e aquilo”, utilizam um conjunto de justificativas padronizadas. O fato de a música estar dentro de uma universidade, de uma instância reconhecida, pode intimidar as pessoas.

Por isso, é importante que o educador musical, ou qualquer educador, qualquer profissional, seja ele médico, engenheiro, faxineiro, tenha uma identificação direta entre o que ele faz com o que ele é. Isso possibilita que ele se coloque numa relação de igualdade com as pessoas.

A partir dessa postura mais fluente de identidades é possível ir além desse tipo de justificativa. Em muitos casos, essas pessoas que não conseguem afinar ou realizar um ritmo, podem ser encontradas no bar da esquina fazendo um “tic, tic, tic” ou fazendo uma segunda voz. Cantar afinado é uma coisa a ser buscada dentro do processo de aprendizado na formação de um cantor que subirá ao palco para cantar.

Isso é pensar na música no sentido da capacidade, da habilidade, do desejo, da competência que todo e qualquer ser humano tem e que poderíamos chamar, genericamente, de musicalidade.

É a partir das interações que se realizam ao se expressar, que alcançamos a convergência do que chamamos de aprendizado. Não é porque você está certo ou está errado. Quando alguém se expressa vocalmente e faz: “Ohhhhh...” não tem certo, não tem errado. Existe originalidade, existe veracidade da intenção. E, partindo disso que vem naturalmente é que se realiza o trabalho. Por isso que, muitas vezes, no trabalho da educação é necessário que você desconstrua esses modelos.

Na minha experiência nas escolas, com professores de música, eu trabalho a partir de atividades lúdicas. Porque não existe um fator limitante em nível técnico. Todo mundo pode fazer uma brincadeira de mão, todo mundo pode cantar, todo mundo pode fazer um jogral cantado. Existem estratégias que nos possibilitam fazer esse trabalho.

CF – A transversalidade supõe também uma especificidade. O que nós entendemos como educação musical e o que ela visa, estamos todos de acordo. Mas de qualquer forma, assim como a disciplina música foi introduzida e há uma reivindicação do seu lugar, as outras artes também fazem a mesma coisa. O que discutimos aqui vale para artes plásticas, para artes visuais, para dança e para teatro. Ou seja, se não tiver uma especificidade daquele que exercita aquela função, não há como se “descondicionar” das normas e modelos da tradição. Há uma cultura escolar que é a que vende uma cultura de outra ordem. Esta é a dificuldade. É dessa estrutura que vem a fusão entre transversalidade e especificidade. Isto é um nó político.

MK – Quando pensamos a “música na escola” ela não deve estar circunscrita no muro da escola. Temos de pensar na escola como um epicentro de um espaço geográfico simbólico e que expande para a comunidade. A competência de lidar sem essa limitação técnica ou com essa diversidade é uma competência do educador musical. Não é qualquer leigo que vai saber lidar com isso. Esta é a função do educador, seja na disciplina de inglês, português, matemática. E aí entra a questão da formação das universidades

AT – Temos defendido que a experiência estética e o contato com a música, deva acompanhar o desenvolvimento do ser humano desde a infância até o ensino médio e depois o superior. Na educação infantil, as crianças não têm o educador musical. Por exemplo, nas EMEIS de São Paulo, quem vai fazer isso é a professora regente de sala. Ela não tem o saber técnico e traz uma concepção de que o que ela faz não é música. Talvez ela bатуque no bar, mas não reconhece aquilo como música. Como superar a dificuldade desse professor regente que não é especialista?

MK – Isto existe, é um problema e é um calo no nosso sapato. Como presidente da ABEM e como militante na área, penso que temos de estabelecer metas e militâncias políticas em curto, médio e longo prazos. Em curto prazo, temos esse fogo queimando o nosso pé e temos de correr pensando em algumas coisas. Não estou me referindo a cursos de capacitação para professores com 16 horas, mas em uma experiência concreta que é a da Universidade Estadual de Londrina. Lá nós temos o PARFOR, que é a segunda licenciatura constituída, que são professores da rede que estão dando aula de artes e não tem essa formação.

Eles vêm para a Universidade para receber esta formação. Eles são multiplicadores porque voltarão para as suas escolas.

Alem disso, temos o PIBID, o Programa de Iniciação a Docentes, que é um programa da CAPES que pretende aproximar a universidade da educação básica. Nele, a professora que está na educação básica também vem para a universidade receber formação. A médio prazo, essa professora volta para escola levando um capital que a universidade pode lhe dar. É uma forma da universidade começar a viver um pouco da cultura escolar.

Eu vejo que a curto prazo os educadores, a ABEM e as universidades, têm de fazer o que o educador Kater já fez em Minas Gerais há um tempo. Pegar esses professores e desenvolver um trabalho com eles, de maneira que eles consigam virar um elemento estético, se desconstruir.

E, a médio prazo, avaliar essas políticas institucionais que nos abrem espaço para estar nas escolas de uma maneira mais efetiva, junto com esses professores. Existe realmente um fosso entre a universidade e a educação básica, o que é lamentável.

SM – E as crianças que passarem a ter música na escola neste ano, daqui há 15, poderão ser elas as professoras regentes, tendo passado por essa familiarização com a música. Com isso, vamos ter outro momento, de fato, de médio prazo.

Roda de conversa 1

LR – Eu acho que existe, inclusive, o momento de curto prazo. A ponte entre o fosso que existe entre a universidade e a formação fundamental, é o educador. É possível estabelecer políticas localizadas. Um dos grandes caminhos é a capacitação.

Uma associação como a ABEM pode ser fundamental no sentido de estimular as escolas de música a olharem para esse fosso. E ter um pouco mais de condescendência com esse profissional que já está lá dando suas aulas e tem que fazer aquilo e tem que prestar serviço de qualquer maneira. Ele fará da maneira que sabe. E nós podemos auxiliar esse profissional a fazer de uma maneira melhor. A curto prazo, já é possível alcançar alguma coisa.

CK – Eu participei de pelo menos três ou quatro cursos de formação de educadores, junto a diferentes secretarias e redes de ensino. Em todos os cursos de que eu participei, as vagas não foram suficientes para o número de inscritos.

Eu também não estou dizendo que existe, no deserto, um oásis o tempo inteiro. Estamos lidando com instituições, com legislação, com cultura estabelecida. Porém, as pessoas se engajam, as pessoas desejam. Está-se criando uma cultura. Nós nunca tivemos tanta possibilidade de ter licenciados quanto antes.

SM – Se a escola conseguiu capacitar alguém, seja o professor de artes ou o regente, um grupo de escolas pode ter um professor mais especializado que possa percorrer, em um dia, várias unidades e atuar uma hora em cada. Existem muitas soluções criativas para diferentes regiões do País.

CF – O que se puder fazer com música poderia produzir efeitos muito benéficos (cognitivos e atitudinais) no resto da escola, devido à posição muito especial que a música ocupa na cultura brasileira, na vivência e no dia a dia do brasileiro. Não só na música popular brasileira (que é muito especial), mas também em uma musicalidade difusa. Talvez se pudéssemos garantir situações para o exercício da disciplina, com professores mais habilitados para isso...

AT – Celso, você falou muitas vezes da questão da música como disciplina. Como vocês veem o risco da música como disciplina virar: “eu tirei 5,0, passei de ano”, assim como ocorre com as outras disciplinas.

CF – Isso é um outro problema. É outra pedra no sapato da educação brasileira. A avaliação não tem de ser esta. Ela acaba se configurando em conceito ou nota. Mas como se chega a isso é que é importante. A importância das artes na escola, no caso da música, é que ela é o único lugar em que o sensível e o cognitivo são absolutamente a mesma coisa. E se acredita que esse é o fundamento da educação hoje em geral e que ainda não foi exercido porque não se pode fazer isso diretamente. Tem que ser indiretamente, e o indireto é o que vem das artes.

AT – E como vocês pensam isso no bacharelado interdisciplinar. Por que tem de avaliar?

LR – Conseguimos encontrar uma fórmula para evitar o número, a questão da nota. É uma experiência que eu tive nos Estados Unidos, onde existe uma apreciação musical.

Nós não trabalhamos com disciplinas, mas com componentes curriculares que podem ser disciplinas, atividades, estágio etc. Normalmente, a música é uma atividade e o conceito é: aprovado ou reprovado. Não conta para a média, que é uma preocupação dos alunos de outras áreas. A participação em música garante o cumprimento da carga horária, mas não é algo que aumenta a média.

MK – A avaliação é um assunto que a gente tem debatido muito. Temos que tentar imprimir na escola e nos cursos de formação de professor o paradigma do coletivo e do protagonismo. Se você trabalha com essas duas perspectivas, no momento da avaliação, é importante que o sujeito que está passando pelo processo de avaliação também se exponha e se avalie. Por exemplo, eu faço isso nas minhas disciplinas e nunca vi um aluno meu dar uma nota maior do que a que eu dou. É um exercício de ética e de crítica. Ao mesmo tempo em que ele se avalia perante o grupo, ele também tem de justificar aquela avaliação. É um exercício ético. Um artifício seria não dar nota. Pode-se dar nota, mas desde que ele seja protagonista do processo. Eu acho isso fundamental, ter na perspectiva um currículo que vai romper com paradigmas arcaicos.

SM – Eu queria agradecer muito a contribuição de vocês neste movimento da educação musical no Brasil.

